

# **MIGUEL TORGA**

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

# REVISITAÇÃO À OBRA “VINDIMA” DE MIGUEL TORGA: UMA LEITURA ESTÉTICA E ÉTICA

António Júlio Rebelo

## Abertura

O presente trabalho, apoiando-se num esforço de memória para pensar de novo filosoficamente a obra de Miguel Torga, *Vindima*, deseja entendê-la, do mesmo modo que no passado, ou seja, como um importante objeto literário e filosófico no domínio estético e ético.

Para esse exercício, o ponto de partida é a literatura e a sua relação com a filosofia, sendo essa a preocupação a tratar numa parte introdutória; já na segunda parte deste trabalho, consolida-se a perspectiva de que o texto literário não é uma mera ilustração de problemas filosóficos. Ele é, e de acordo com o nível hermenêutico pretendido, um corpo filosófico a explorar. Dado o forte carácter vivencial da obra, não é possível desligar do campo da estética a ética, inclusive no que toca às suas implicações políticas.

Assim sendo, nesta visão de paisagem humana e de natureza entrelaçadas, onde ambas reclamam a presença constante de uma atitude estética perante o texto, é importante delinear – a partir do pressuposto de que é possível estreitar uma boa relação entre filosofia e literatura – um quadro conceptual numa conjuntura ética de repercussão política, por forma a permitir uma proposta de leitura desta obra de Torga.

## 1. Parte introdutória

A palavra prende-as; a palavra separa-as. Estamos, pois, a referir-nos, por um lado, à Filosofia, por outro, à Literatura. Ambas as áreas discursivas, sendo singulares e autónomas, vivem de jogos de linguagem assentes no uso da palavra. É esse mistério, o da palavra em atividade, que marca o humano e que consente, pela comunicação escrita e oral, utilizar nomes e significados que nos permitem falar do mundo.

O ser humano tem essa capacidade única, dar-se a entender, exprimindo ideias ou sentimentos pelo elementar proferir da palavra. Sons articulados com sentido e que uma vez lançados no mundo dizem de nós, dos outros e das teias que elaboramos para a construção da vida e do futuro que ela encerra.

A palavra prende a Filosofia à Literatura e vice-versa; mas também as afasta uma da outra. Foi sempre assim ao longo da história, quando filósofos e escritores se viram confrontados com o estranho poder da palavra, segurando-a e arremessando-a como expressão de um pensamento esforçadamente problemático ou tendencialmente descritivo.

Platão, por exemplo, vive de uma contradição insanável, pelo facto de repudiar os poetas e a poesia pelo seu afastamento da verdade, mas, simultaneamente, praticando essa mesma dimensão poética na sua forma de escrita mais preponderante: os diálogos. Este modo de dizer, assente numa argumentação de base racional, foi uma verdadeira revolução na forma de compreender o mundo, em comparação com as narrativas míticas, paradigmas de um entendimento anterior. Com Platão, assistimos maioritariamente ao império da razão e a uma exclusão violenta da poesia, através do denegrir dos poetas e das suas falas, acusando-os de colocarem em causa o *logos*, voltando-se, por isso, para a prática da ilusão e do engano<sup>1</sup>. Porém, essa visão, que radica numa complexa contradição, é ainda mais enigmática quando tomamos contacto, no meio dos diálogos argumentativos desenvolvidos na obra “A República”, como é o caso de um dos mais surpreendentes e conhecidos textos, a *Alegoria da Caverna*<sup>2</sup>. Trata-se de um escrito de rara beleza poética, envolto numa atmosfera mágica e metafórica que irrompe do interior de uma argumentação racional, em crescimento, entre Sócrates e o seu interlocutor. Estranhamente ou talvez não, é com a *Alegoria da Caverna*, no entanto, que recolhemos uma das maiores reflexões jamais ensaiadas acerca da missão da filosofia e do filósofo.

Por seu turno, com a contemporaneidade, vemos a razão pura sujeita à crítica, ao enfraquecimento, e perdendo com isso o seu poder soberano, mas ganhando, em contrapartida, uma configuração mais inclusiva na interação concretizada com outras formas de interpretar o mundo. A razão tende a capacitar-se tolerante, cúmplice ou parceira, acolhendo contributos impensáveis oriundos, por exemplo, da poesia ou da literatura. Nietzsche, porventura, será a referência mais visível a ter em conta, nesta aproximação da filosofia a outros modos interpretativos ligados à palavra. Nesta tendência de vinculação, é interessante, por exemplo, mencionar Merleau-Ponty. Nas obras “Fenomenologia da Percepção” ou “O Olho e o Espírito”, apenas para

---

<sup>1</sup> PLATÃO, *Πολιτεία*, *A República*, Livro II, 387b, Trad. Maria Helena da Rocha Pereira (a edição utilizada foi a de J. Burnet, *Platonis Opera*, T. IV Oxonii et typographeo Clarendoniano, 1949), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, p. 104.

<sup>2</sup> Idem, *op. cit.*, Livro VII, 514a -517b, pp. 317 a 321.

citar dois títulos do filósofo francês, é possível no interior da beleza poética, feita na sedução e elegância das palavras empregues, traçar uma linha filosófica que nos pode levar à aproximação da verdade e não à sua mera ilusão ou embriaguez. Diz Merleau-Ponty, na segunda obra agora citada: «[...] *aquele que vê não se apropria daquilo que vê: apenas se abeira com o olhar, acede ao mundo* [...]»<sup>3</sup>.

Talvez possamos fazer passar por aqui uma certa genealogia desta situação partindo de dois pressupostos: um primeiro, que tende a reconhecer que a literatura tem uma beleza estética intrínseca composta pela musicalidade que desliza para a sonoridade das imagens que constrói e revela. Aí estamos habilitados a ver no nosso interior, no nosso íntimo, cenários, personagens, estados de alma, paisagens, tudo irrompe do descritivo. Significa isso que as palavras são usadas num movimento vivo, capaz de produzir no nosso imaginário uma exibição de representações que nos atraem, encantam ou comovem, mas igualmente nos amedrontam ou constroem. No limite, estamos perante um uso poético da palavra, já que a criação de sentidos é múltipla e concretizada na base de uma emocionalidade genuína. Lemos e nesse *écran* feito de letras-imagens, que permite a criação de sensações, perceções e entendimentos no nosso interior, tudo é afinal observável, visualmente suavizado e, principalmente, à face. O descritivo é então o percurso das palavras numa jornada a efetuar e que deve ambicionar prender o leitor até ao fim de uma narrativa. Analisam-se, desse modo, estilos, construções e arquiteturas de imagens, formadas por palavras cientes de regras impostas ou, em determinados casos, arrojadamente mais livres, mas que denunciam essa passagem, esse movimento horizontal que os olhos percorrem em direção à ambiguidade que nasce da interpretação textual. Este trabalho hermenêutico conta muito com a multiplicidade semântica, contruindo-se um diálogo com o texto que pode ficar por elucidar problemáticamente, na medida em que o puro narrativo é o objetivo, o seu ponto de chegada.

O segundo pressuposto, aquele que pode fazer a afirmação da filosofia em relação à literatura assenta num movimento para a penetração ou exploração do texto, esse percurso tão bem definido por Jaspers como «[...] *estar a caminho* [...]»<sup>4</sup>, convida a uma leitura onde a clarificação de conceitos – na perspetiva deleuziana – representa a atitude filosófica como predisposição indagadora para uma compreensão mais enraizada que supere a indecisão

---

<sup>3</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice, *L'oeil et L'Esprit*, Paris, Éditions Gallimard, 1996, *O Olho e o Espírito*, Trad. Claude Lefort, Lisboa, Nova Vega, 2013, p. 20.

<sup>4</sup> JASPERS, Karl, *Iniciação Filosófica*, Lisboa, Guimarães Editora, 1971, p. 14.

do texto lido assente numa semântica imediata e demasiado próxima. Clarificar conceitos é delimitar, precisar, tornando-se num escavar o interior da palavra, indo e perscrutando a sua aceção mais problemática e, por isso, mais interrogativa. Há, nesse percurso do olhar, uma captação ou apreensão contínua desse esquadrinhar. Nesse trabalho, que também é de esculpir cada sentido do nome, implica que essa tarefa seja extensiva ao natural encadeamento ou jogo de palavras que fazem o progresso das frases e, nesse prosseguimento em movimento vertical, da apropriação dos pensamentos delas decorrente. Para isso, há que buscar apoios contextuais daqueles que fundaram com exigência o significado dos conceitos nessa investigação de aprofundamento, cruzando e intercetando ideias que abrigam significações próprias para a compreensão do mundo. Aqui, neste campo de ação, tomarão os filósofos conta da palavra.

Falando daquilo que é identitário, daquilo que define cada um dos usos possíveis para a palavra no sentido da compreensão do mundo, isso nunca deverá implicar uma mútua exclusão. Na verdade, perante uma narrativa, cujo leitura se faz num movimento horizontal, onde o descritivo conta como sendo o essencial, podemos completar a esse movimento de carácter emocional uma leitura de desassossego, de inquietude face à palavra que se aprofunda. Significa que não será apenas pela dimensão textual sistemática e abstrata que será possível fazer filosofia, que é, no limite, procurar o sentido da existência. Esta tarefa, pela sua própria natureza, pode apoiar-se num relato vivo e impactante do ponto de vista semântico. Esta modificação nas linhas do olhar e da compreensão converte-se numa mundificação do texto, ao pressentir que este fica mais longe, mas, simultaneamente, mais vivo perante a reflexão que se ensaia. Os dados estão lançados. A tese a pôr em prática é de que é possível estabelecer esta comunhão de esforços e apreços entre Filosofia e Literatura, no respeito pelas regras linguísticas, estética da narrativa, formas estilísticas e, nesse deslumbre literário, encontrar conteúdos para explorar, para serem expostos ao trabalho filosófica de perfuração, não de modo superiormente desnivelado, mas em paralelo, numa autêntica cooperação igualitária.

## **2. Texto literário como corpo filosófico**

O texto literário não é, pois, uma mera ilustração de problemas filosóficos: a estética e a ética em sincronia, enquanto formulação de problemas e perspectivas sugeridas, podem emergir de um desafio semântico, promotor de uma reflexão no contacto direto realizado com o texto ficcional.

O título “Vindima” de Miguel Torga retrata o sentido da existência inscrito nos diferentes contextos que constituem o mundo. Temos, por um lado, a ruralidade vivida no esforço físico e a dureza das terras durienses que acrescentam ao labor humano ainda mais dureza; por outro, a angústia de diferentes projetos de vida que se entrelaçam, vincando sensibilidades e expectativas pessoais, na base de um confronto entre ricos e pobres, demonstrando, nesse cruzar de vivências, a perdurável realidade da luta de classes. Por isso, as questões éticas estendem-se pelo universo de concepções políticas, uma vez que não se fala apenas de valores, mas de uma utopia emergente, afirmada de modo subtil e escatológica. Este sentido da existência, palco da ética, inscreve-se numa estética textual, numa narrativa que consegue explorar, de cada palavra em composição de frases, uma atmosfera visual onde o belo e o sublime têm lugar. Assim, e de acordo com a leitura de movimento horizontal atrás lançada, as descrições de a “Vindima”, tornam-se instrumentos, não de perturbação ou letargia, mas de incentivo para o contacto e conhecimento mais fundo da condição humana, abordada esta sem preconceitos epistemológicos ou impeditivos de um percurso filosófico a cumprir.

Quais são as chaves então para entrar neste itinerário? Miguel Torga propõem-nos muitas. Enumeremos tão-somente algumas delas.

«[...] e os poetas?», perguntou Alberto, irmão de Guiomar perdido na sua existência e em diálogo acesso com o Dr. Bruno, o cínico médico que diz «[...] as serras são para os parolos [...]»<sup>5</sup>, o qual lhe responde: «[...] são precisamente os indivíduos que menos se gastam, que não mexem uma palha, incapazes de qualquer esforço,. Conservam-se em egoísmo. E, em biologia, conservar-se é morrer» (Idem, *op. cit.*, p. 172). Uma verdadeira provocação, uma afronta que, na sua radicalidade mais abrangente, pode incluir todos aqueles que contrastam com os pragmáticos, os eficazes, os infalíveis. O ataque operado não vem daqueles que vivem do esforço físico, dos que, pela aspereza e sofrimento que a vida lhes depositou, poderiam estar ressentidos; não, o ataque vem dos altivos, dos convencidos, dos que disputam os bastidores aveludado do poder, daqueles que, tal como Torga refere a propósito do médico: «[...] a sua vida daria uma crónica dolorosa de frustrações» (Idem, *op. cit.*, p. 34).

Antes, o escritor, dissera pela fala de Catarina, a jovem poetisa proveniente da família senhorial dos Menezes: «A poesia é o real absoluto» (Idem, *op.*

---

<sup>5</sup> TORGA, Miguel, *A Vindima*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 4ª Edição revista, 1971, p. 122.

cit., p. 42). Ao afirmar isso declara-se que a poesia não é simulação ou simples devaneio, mas o efetivo e o verdadeiro, o autêntico e presente, o facto físico e o palpável, ficando este mais livre e sujeito à compreensão. Tudo isto equacionado de modo indubitável pela garantia de pertencer à categoria do absoluto, que é, em rigor, o ato de desocultação suprema e praticável da realidade admitida.

Um pouco mais adiante, Torga, dissera também pela fala de Susana, a irreverente e jovem recém-casada sobrinha dos Menezes, em conversa com o Dr. Bruno: «*A poesia é discreta*» (Idem, *op. cit.*, p. 68), acrescentando à enorme delicadeza para com esta forma única de dizer o mundo a sua desilusão, a sua mágoa existencial: «[...] *quando o tempo está bonito, apetece-se tanta coisa ao mesmo tempo – dançar, correr, saltar, cantar –, que acabo por não fazer nada*» (Idem, *op. cit.*, p. 68).

Regressando aos poetas e ao diálogo entre Alberto e o Dr. Bruno, a primeira das vozes finaliza a conversa: «[...] *nem os poetas preservam a energia [...] cada qual gasta as forças que tem [...]. Uns andam, outros voam*» (Idem, *op. cit.*, p. 172). Voar aqui significa transcender-se, transpor as limitações humanas, apropriar-se do superior projeto dos deuses e encarar como possível essa ousadia, acometendo-a contra a nossa própria natureza de seres sem asas e inadaptados para a concretização desse extraordinário feito. Voar é acreditar na lonjura da existência, ver nela o risco e a consumação do vencer. Torga, contudo, oscila entre esta, a visão de coragem para a vida humana, e uma outra visão, a da tristeza e da perda, a respeito das considerações pensadas pelo senhor Lopes na viagem que faz de comboio até ao Pinhão: «*O inferno em baixo, o céu em cima, e ele no meio, entre o ódio e o desespero*» (Idem, *op. cit.*, p. 29). E essa tristeza amplia-se neste absurdo existencial que nos alberga quando o pensamento de Guiomar é, no decurso da narrativa, expresso deste modo: «*Sempre ouvira dizer que todos os passos importantes da vida de um indivíduo eram assim. A pessoa a nascer sozinha e a amar sozinha*» (Idem, *op. cit.*, p. 176). Ou ainda, e reportado agora à mãe de Guiomar, D. Maria Jorge, expressão igualmente dessa imensa tristeza: «*Num desalento já quase sem resignação [...] olhava apavorada, o vazio da sua existência*» (Idem, *op. cit.*, p. 164). E o absurdo existencial, essa incompreensível sensação humana de mal-estar, de um vazio interior que aguarda um dia por uma sensação de ânimo que nunca chega, tem o seu momento cimeiro no suicídio de Alberto. Nessas páginas carregadas de conteúdo filosófico damos conta de toda a beleza descritiva do texto de Torga.

Foquemo-nos por ora nos trabalhadores e no alcance da atividade que desenvolvem: a vindima. Estamos perante uma chave que nos leva à conflitualidade, se bem que ténue ou até mesmo insignificante, em termos de repercussões, numa primeira fase: «*A turba encarou o ricaoço [...]*» (Idem, *op. cit.*, p. 26), escreve Torga. A *turba* são os homens e as mulheres que, desterrados e em dor, procuram uma vida melhor. São migrantes de um território carente que, no interior dessa mesma carência, partilham a esperança uns com os outros. Uma esperança que enfrenta a dura realidade opressora: «*O povo, só a chicote. Nada de palavreado, de conversa fiada, de explicações [...]. As pessoas não são iguais. Um nascem para subir e mandar; outras para ficar onde estão e obedecer*» (Idem, *op. cit.*, p. 25). Este cruel pensamento estratificado do senhor Lopes, expresso por Torga, é contrariado mais à frente na narrativa pelas asserções de Alberto, proferidas num jantar em que, sob o ponto de vista ideológico, arrisca enfrentar o pai: «*Onde é que se viu uma exploração tão ignóbil como a que se passa no Doiro? Nem salários decentes, nem comida suficiente, nem alojamento razoáveis... Nada! Um homem a alombar o dia inteiro par chegar ao fim e receber uns míseros vinténs que não chegam sequer para encher de broa a barriga dos filhos*» (Idem, *op. cit.*, pp. 82 e 83). Perante esta contenda, entre pai e filho, assistimos à legitimação da luta de classes, só que essa ação, ou a vanguarda desta, é assumida e liderada – como quase sempre foi ao longo da história –, por uma elite esclarecida. No caso em concreto, é Alberto quem fala e defende aos trabalhadores, o certamente instruído filho do patrão, que, lúcido, tem em si a consciência das injustiças e das desigualdades que são praticadas naquele território de tensão social. Os próprios, os desgraçados e desprotegidos, abrigados naquele contexto de exploração, apenas se limitam a cumprir um destino comum: «*[...] adormecer, descansar, acordar, trabalhar [...]*», escreve Torga (Idem, *op. cit.*, p. 40). Adiante, no texto, é ainda mais contundente a respeito desta situação de resignação: «*[...] o pessoal, extenuado, esfarrapado, imundo, cabeceava pelos cantos ainda à espera de mais trabalho. [...] às tantas erguer uma perna tornava-se um sacrifício*» (Idem, *op. cit.*, p. 178). Esta alteração, no entanto, prossegue no texto literário. Agora era a vez de Guiomar reforçar uma das posições, proferindo em defesa dos poderosos e, simultaneamente, em prol da eternização de uma realidade social em vigor: «*[...] as pessoas dividiam-se naturalmente em ricos e pobres, fossem quais fossem as causas remotas ou próximas da situação. Era assim, acabou-se. Se tivesse tido a infelicidade de nascer do mau lado, paciência*» (Idem, *op. cit.*, p. 83). Por fim, nesta disputa entre nascidos nas *boas e más margens* da vida, Alberto, numa

defesa derradeira dos trabalhadores e fazendo frente a Eládio, não isento de remorsos, torna-se objeto de comentário na fala da velha Angélica: «- *Há sessenta anos que venho ao Doiro, e é a primeira vez que vejo um rico pôr-se ao lado da gente*» (Idem, *op. cit.*, p. 120). De qualquer modo, no capítulo LVI, já no final do livro, na altura de fecho de contas com o Senhor Lopes pelo trabalho da vindima, Torga, engrandece os trabalhadores quando estes, naquela ocasião, se desinibem e falam, tornando-se isso numa luta conjunta e solidária em prol de um salário justo e digno para todos: «[...] *não se pode deixar que nos pisem!... No cimo da escada, a pilha de revoltosos o ameaçava arrombar a porta*» (Idem, *op. cit.*, p. 268).

Uma chave final: resta o contraste entre dois modelos de mulheres. Essa diferença, vê-se, sobretudo, na relação que têm com os preconceitos e o seu próprio corpo atuante. Guiomar e Glória são representativos de duas existências diferenciadas. A primeira, vive na frustração, no entediante incómodo de um mundo superficial e efêmero. É o Dr. Bruno que, de modo repugnante, trágico e com múltiplos significados, define essa condição feminina: «[...] *o fundamental nas mulheres é o revestimento*» (Idem, *op. cit.*, p. 166); a segunda, molda-se com a natureza e deixa-se ir nesse turbilhão de sensações e sentimentos vividos à flor da pele, que estremecem e inquietam. Com Guiomar todos os receios não morrem, permanecem; com Glória todos receios se libertam fazendo dela alguém que se reconciliou com o mundo pela paixão e prazer genuínos. A sensual e perturbante descrição, feita por Torga, do ato sexual praticado por Gustavo e Glória (Idem, *op. cit.*, pp. 145 a 149), dois trabalhadores pobres que vêem nesse paraíso carnal uma saída para a felicidade feita, como todas as verdadeiras felicidades, do preciso instante que se converte no sabor do eterno. Missão impossível para as todas as mulheres que o escritor apresenta ao longo da obra e que nasceram do lado da *margem boa* da vida. Desta forma, e contrariando o Dr. Bruno, o bom afinal não vai ter à cidade (Idem, *op. cit.*, p. 122), resiste, procede e funde-se na natureza. É aí que o humano nasce e se completa. Do mesmo modo, concluindo e fazendo uma analogia com tudo aquilo que no texto se volta para a beleza estética retratada e que apraz quem lê, é na estética que a ética se deve reencontrar e ganhar, com esse acordo alcançado, o seu autêntico sentido.